

## IGREJA CUIDADORA: APONTAMENTOS DE SUPORTE ECLESIAÍSTICO PARA PESSOAS COM AUTISMO E SUAS FAMÍLIAS<sup>1</sup>

CARING CHURCH: POINT OF ECCLESIASTICAL SUPPORT  
TO AUTISTIC PEOPLE AND THEIR FAMILIES

Marcelo Martins<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo aborda a questão das possibilidades e do cuidado que a Igreja pode oferecer para famílias e pessoas com autismo. A partir de pensamentos de Jorge Maldonado e Howard J. Clinebell busca-se destacar alguns problemas a serem vencidos, como o preconceito e a falta de informação sobre pessoas com alguma deficiência, e as possibilidades que a Igreja tem diante de si, para ser mais atuante e relevante nesta questão tão pouco trabalhada no âmbito de Igreja. A falta de atenção e cuidado para com pessoas com deficiência e suas famílias no contexto eclesial ainda é gritante. Alguns apontamentos são feitos tendo em vista esta realidade e, vislumbrando algumas possibilidades, que podem contribuir para uma aproximação e atuação maior da Igreja nesta área.

**Palavras-chave: Cuidado. Igreja. Autismo.**

### Abstract

This article approaches the issue of possibilities and care that the church can offer to autistic people and their families. On the basis of thoughts from Jorge Maldonado and Howard J. Clinebell, this study searches to highlight some problems to be overcome, such as prejudice and lack of information about people who have any mental impairment, and the possibilities that the church have to be more active and relevant in this issue which isn't treated as it should be in the context of the church. The lack of attention and care to impaired people and their families in the ecclesiastical context is still alarming. Some points are made in view of this reality and, after seeing some of the possibilities, can contribute to a greater approach and Action of the church in this area.

**Keywords: Care. Church. Autism.**

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um capítulo de Dissertação do próprio autor defendida em março de 2012 com o Título: "A família de pessoa com autismo e o cuidado na perspectiva do aconselhamento pastoral". Teve como orientador o Dr. Rodolfo Gaede Neto, professor da Faculdades EST.

<sup>2</sup> MARTINS, Marcelo. Possui formação em Teologia pelo Instituto Bíblico Maranata, e em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem Mestrado em Teologia Prática pela Faculdade Superior de Teologia (EST). É Doutorando em Teologia Prática pela Faculdade Superior de Teologia (EST) com a pesquisa com o título: "A família de pessoa com autismo e o cuidado na perspectiva pastoral e da Teologia da Cruz". É Bolsista CAPES.

## Considerações Iniciais

Este artigo abordará a questão do cuidado e das possibilidades que a comunidade eclesial pode oferecer para famílias e pessoas com autismo – ou alguma deficiência. Devido às transformações que a família vem enfrentando, especialmente no tamanho e na fragilização, acentuam-se as dificuldades quando se tem na família uma pessoa com alguma deficiência – no caso específico, pessoas com autismo. Ainda que uma família tenha um bom ajustamento, harmonia, e laços que os fortalecem, quando surge em seu seio alguém que tenha alguma deficiência ela precisará se reajustar em muitas áreas. Leo Buscaglia diz que,

mesmo em tais famílias saudáveis, uma ocorrência violenta, assim como uma doença séria e prolongada, desastres naturais e dificuldades financeiras imprevistas, exigirá dos membros uma redefinição de seus papéis e o aprendizado de novos valores e padrões de comportamento, a fim de se ajustarem ao novo estilo de vida.<sup>3</sup>

Batshaw e Perret destacam que,

para todas as famílias, o ajustamento e o realinhamento de cada membro, que devem ser feitos nestas várias oportunidades de mudança, são freqüentemente, extremamente estressantes. Quando uma família tem uma criança com uma deficiência, os estresses aumentam e os ajustamentos se multiplicam. Por exemplo, o indivíduo com uma deficiência pode permanecer no primeiro estágio, que é o de uma criança dependente, pelo resto de sua vida. Assim, em cada ocasião de mudança ocorrendo na família, a diferença entre uma família com uma criança deficiente e outra com uma criança normal é bastante acentuada. Cada membro da família é afetado diferentemente durante os vários estágios do ciclo da vida.<sup>4</sup>

A chegada de um filho com autismo remodelará muitas áreas da família. Segundo Gottfried Brakemeier “a tarefa tem dimensões individuais e sociais. Pois a acolhida de um filho ou de uma filha deficiente pressupõe a disposição de pais e familiares para carregar fardos e para renunciar a facilidades – eventualmente para desta forma também descobrir bênção em suas vidas”.<sup>5</sup> Isto acarretará tempo, cuidado, atenção, gastos, o que irá trazer fortes impactos sobre esta família. Um dos impactos mais acentuados será sobre suas emoções.

---

<sup>3</sup> BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 79.

<sup>4</sup> BATSHAW, Mark L.; PERRET, Yvonne M. *Criança com deficiência: Uma orientação médica*. São Paulo: Maltese, 1990, p.366.

<sup>5</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Diagnóstico pré-natal e aconselhamento*. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Org.). *Prática cristã: novos rumos*. São Leopoldo: IEPG, Sinodal, 1999. p.95.

Cientes destes fatos, a Igreja torna-se, e tem um papel importante para contribuir no apoio e na ajuda a estas famílias que vivem constantemente sobre pressão, opressão, rejeição, e em muitos casos, depressão. Surgem então as perguntas: Como a Igreja pode corresponder e atender de uma maneira correta nestes casos? Quais os cuidados a Igreja pode oferecer? Que tipo de auxílio prático a Igreja tem condições de dar? O que segue na seqüência do artigo são alguns apontamentos para uma reflexão sobre estas questões.

### **Acolhendo a família e superando os preconceitos**

A Igreja pode fazer muita diferença nesta questão. Faz parte do propósito da Igreja acolher as pessoas e não afugentá-las com atitudes preconceituosas. Famílias que tem um filho com autismo, ou qualquer outro tipo de deficiência, enfrentam muito preconceito, aberto ou velado, não somente na sociedade, mas muitas vezes no contexto de Igreja. Isso ainda é reflexo de más interpretações bíblicas, erros históricos e ignorância do ser humano. Por exemplo, a Igreja, em tempos anteriores, interpretou teologicamente a deficiência como,

...punição de pecados cometidos pela pessoa com deficiência ou por membros de sua família, em gerações anteriores. A deficiência tem sido entendida também como um sinal de falta de fé, que impede que Deus opere o milagre da cura. Ou a deficiência tem sido considerada uma manifestação demoníaca, sendo necessário um exorcismo para superar a deficiência. Tais interpretações têm levado, na Igreja, à opressão das pessoas com deficiência. Neste sentido, a atitude da Igreja refletiu a atitude da sociedade como um todo. As estruturas de opressão na sociedade e na igreja se reforçaram mutuamente.<sup>6</sup>

Henri J. M. Nowen percebendo este problema afirma,

olhando bem para mim, e depois à minha volta, para as vidas de outros, pergunto o que causa mais dano: luxúria ou ressentimento. Há tanto ressentimento entre os “justos” e os “corretos”. Há tanto julgamento, condenação e preconceito entre os “santos”. Há tanta raiva contida entre as pessoas que são muito preocupadas em evitar “o pecado”.<sup>7</sup>

Parece simples acolher as pessoas, mas como se verifica em textos como os que acabam de ser citados, não é tão simples! É impressionante como a estruturação das coisas

<sup>6</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Uma igreja de todos para todos*. São Paulo: ASTE/Oikoumene, 2003, p. 12.

<sup>7</sup> NOUWEN, Henri J. M. *A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 32.

(no caso aqui a Igreja), às vezes se distancia tanto da sua fonte e da realidade. Lothar Carlos Hoch afirma que, “em contrapartida, é necessário admitir que ela (Igreja) supervalorizou a instituição, dando mais importância aos seus programas e métodos do que ao “serviço cristão” como estilo de vida”.<sup>8</sup> Enquanto Jesus acolhia a todos, com um cuidado todo especial aos que mais sofriam, a Igreja muitas vezes caminhou em direção contrária. E, infelizmente ainda em muitos contextos eclesiais essa postura está presente, gerando preconceitos e afastando pessoas, que por sua vez, muitas vezes, são os que mais estão necessitando de amparo.

Os princípios bíblicos do cristianismo desafiam a Igreja a superar os preconceitos, e ao mesmo tempo ajudar as famílias de pessoas com deficiência a lidarem com os preconceitos. É consenso que uma das formas de se combater preconceitos é através da informação. Somente a convivência com pessoas com deficiência e, a compreensão de suas possibilidades como seres humanos poderão melhorar o grande problema do preconceito. Trata-se de uma questão inclusiva e de cidadania. Segundo Regem, “precisamos todos aprender a valorizar o ser humano qualquer que seja a sua condição de deficiência, pelo simples fato de existir e não por sua aparência ou pelo que ele será capaz de aprender ou produzir”.<sup>9</sup>

O preconceito está presente em todas as camadas da sociedade, e em qualquer sociedade. É um problema do coração humano<sup>10</sup>, que parece estar intrínseco a este. Por isso, é tão necessária a conscientização, e através de informações, trabalhar contra a sua proliferação.

Para quem tem um filho com alguma deficiência é muito fácil perceber isto. Em pleno século XXI, com tantas informações que circulam por todos os lados, somados a todos os esforços que se fazem por parte de algumas pessoas e instituições (através da mídia televisiva, escrita ou ouvida), a questão do preconceito ainda é muito grande. No caso de pessoas com deficiência ainda há muita ignorância, e em muitos casos, esta ignorância leva ao preconceito.

---

<sup>8</sup> HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). *Comunidade Terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005. p. 18,19.

<sup>9</sup> REGEM, Mina et al. . *Mães e filhos especiais*. Brasília: Corde, 1994. p.65.

<sup>10</sup> Quando se usa a expressão “problema do coração humano”, se quer dizer “um problema da condição humana”.

Albert Einstein<sup>11</sup> tem duas frases sobre preconceito muito interessantes. A primeira diz: “Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”. A segunda, “duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas no que respeita ao universo, ainda não adquiri a certeza absoluta”. Einstein, em poucas palavras, foi capaz de dizer muito (ou quase tudo) sobre preconceito.

Conforme Luiz Henrique Rossi , “Jesus rompeu barreiras, questionou e quebrou paradigmas sem preocupar-se com as conseqüências para sua vida. Conversar com a mulher samaritana (Jo. 4), além de romper a barreira cultural, curou a enfermidade do preconceito e gerou sanidade para toda a aldeia”.<sup>12</sup>

A Igreja pode ser acolhedora com gestos simples para com famílias de pessoas com deficiência, como por exemplo: o simples fato das pessoas da comunidade se aproximarem destas famílias e de seus filhos, e os tratarem com respeito e dignidade; recebê-los bem em seus templos, propiciando especialmente aos portadores de deficiência condições no espaço físico para melhor atendê-los; se possível, tendo programações direcionadas para os pais de pessoas com deficiência através de redes de apoio e também aos filhos com deficiência; não cultivar um olhar crítico e condenatório sobre as famílias; buscar ouvir aquilo que estas famílias tem de necessidade e ver o que a Igreja poderia fazer por eles. Rossi ressalta que, “via de regra, a Igreja não está preparada para receber as pessoas (os ex-náufragos) como comunidade de cura e geradora de saúde integral”<sup>13</sup>. Porém, a Igreja pode ser muito cuidadora quando pensa nestas questões e se esforça para receber e acolher bem famílias que tenham filhos com alguma deficiência.

### **Cuidando de quem cuida<sup>14</sup>**

As pessoas vão à Igreja em busca de apoio. Este apoio vem do alto – de Deus –, mas se concretiza materialmente, muitas vezes, através da comunidade, a Igreja. Jorge Maldonado afirma com isto que, “isso significa que uma pessoa de fé, flexível, que sabe quem é e que conta com uma rede de apoio de sua igreja e sua comunidade, estará melhor

<sup>11</sup> EINSTEIN, Albert (1879 – 1955): Físico teórico alemão radicado nos EUA. Recebeu o Nobel da física em 1921. Tornou-se mundialmente famoso devido à teoria da relatividade. Estas frases podem ser obtidas através do site [www.pensador.uol.com.br/frases\\_de\\_albert\\_einstein](http://www.pensador.uol.com.br/frases_de_albert_einstein).

<sup>12</sup> ROSSI, Luiz Henrique Solano. *A vocação terapêutica da igreja*, IN: KOHL, Manfred W. ; BARRO, Carlos B. (Org.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006.

<sup>13</sup> ROSSI, 2006. p. 120.

<sup>14</sup> Expressão retirada do livro “Cuidando de quem cuida: um olhar cuidados aos que ministram a Palavra de Deus”, de Roseli MargaretaKuehnrich de Oliveira. Publicado pela Editora Sinodal.

equipada para enfrentar as crises”<sup>15</sup>. Porém, o apoio é uma consequência da convivência e da celebração, e estes não são meramente meios para cumprir necessidades sociais. A finalidade da comunhão na comunidade é o testemunho do amor de Jesus Cristo. Isso implica a grande oportunidade de estabelecer relações livres e informais entre pessoas iguais e responsáveis<sup>16</sup>. Se por um lado as pessoas chegam procurando um ambiente de amor, aceitação e cura para seus dramas, por outro lado, encontramos muitas comunidades legalistas, rigorosas e de relacionamentos superficiais; o que de fato não ajuda em nada no estabelecimento de um ambiente propício para se abrirem à cura de Deus.<sup>17</sup>

Hoch afirma que, “há sinais evidentes de que as Igrejas históricas estão perdendo parte dos seus fiéis por não conseguir oferecer o cuidado e a atenção de que eles precisam justamente nas horas de crise, seja familiar, de doença ou de morte”.<sup>18</sup> A pergunta é: como a Igreja pode ser mais relevante na vida destas famílias? Alguns apontamentos podem contribuir para isto.

#### 1. Ajudar a família a partir das suas necessidades

Para isto ser possível, é necessário ver a necessidade destas famílias, ouvi-las e mobilizar a Igreja. Dependendo do tipo de problema, as necessidades são diferentes. Isto não quer dizer que a Igreja assumirá o papel da família, ou do Estado nas responsabilidades que lhes cabem. Mas será um apoio, que em muitas situações, poderá ser o único apoio. A Igreja primitiva foi um exemplo disto. O livro de Atos<sup>19</sup>, nos relata a ajuda dada pela Igreja para as viúvas, que naquela época eram extremamente colocadas à margem da sociedade vigente, e também estavam sendo “desprezadas, esquecidas” pela própria Igreja. Então, uma necessidade foi vista, constatada, e a igreja mobilizada para atender aquela necessidade (assim surgiu o ministério do diaconato na Bíblia). Há bons exemplos<sup>20</sup> em

<sup>15</sup> MALDONADO, Jorge. *Crises e perdas na família – consolando os que sofrem*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2005, p.20.

<sup>16</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph;STRECK, ValburgaSchmiedt. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p.166.

<sup>17</sup> ROSSI, 2006. p. 120.

<sup>18</sup> HOCH, Lothar Carlos. “As lágrimas têm sido o meu alimento”. *Desafios pastorais no trabalho com enlutados*. In. HOCH, Lothar Carlos; HEIMMAN, Thomas (Org.). *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p. 66.

<sup>19</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002. Atos 6.

<sup>20</sup> Um destes exemplos é o da Primeira Igreja Batista de Curitiba. No site [www.pibcuritiba.org.br](http://www.pibcuritiba.org.br), encontra-se o ministério que a igreja desenvolve. Trata-se de um ministério com cadeirantes, surdos, mudos, cegos, e

nosso tempo de igrejas que tem feito um trabalho com pessoas com deficiência neste formato – ver a necessidade, ouvir aquilo que de fato é fundamental para as famílias que vivem a realidade de ter um filho com deficiência e, mobilizar a igreja em prol daquela causa -, porém, quanto mais iniciativas houver mais fácil será cuidar destas famílias.

## 2. Desenvolver trabalhos de acompanhamento e visitação

Esta é uma forma simples e prática da Igreja atuar. Não exige recursos financeiros e nem de espaços físicos. Qualquer comunidade pode exercer este ministério. Carla Vilma Jandrey entende que “visitação é a disponibilidade de ir ao encontro da pessoa necessitada ou excluída. Ela expressa solidariedade e disponibilidade de ouvir o outro, e todos podem participar da prática da visitação, ou seja, não é tarefa só do obreiro, ou da obreira”.<sup>21</sup> Contudo, afirma Nordstokke: “essa prática não se realiza automaticamente; é preciso que haja alguém que idealize, mobilize, planeje e oriente”.<sup>22</sup>

A Igreja pode fomentar grupos de visitação. Baseados na experiência de Jesus (que enviava de dois em dois), ter sempre pelo menos duas pessoas juntas para fazer a visita e tomar o devido cuidado com aquilo que há de ser dito. Todavia, a simples presença das pessoas da comunidade ali, já é algo que traz alento para a família. Nelson Kilpp salienta que,

não há necessidade de saber as palavras adequadas para a situação. Muitas vezes as palavras só atrapalham, pois podem soar cínicas. [...] Saber ouvir, tentar entender e colocar-se na situação do aflito é um gesto de solidariedade que pode apontar algo maior: Deus não está longe daquele que sofre.<sup>23</sup>

---

outras necessidades especiais. Outro exemplo é a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). Em 1989 surgiu na IECLB o “Grupo de Apoio Nacional em Assuntos da Pessoa Portadora de Deficiência”. Este grupo busca a inclusão de pessoas com necessidades especiais.

<sup>21</sup> JANDREY, Carla Vilma. *O cuidador familiar de pessoa idosa: o desafio de cuidar de quem cuida*. São Leopoldo. EST/PPG, 2009.p. 90 (Dissertação de Mestrado).

<sup>22</sup> NORDSTOKKE, Kjell. *Diaconia*. In: SCHNEIDER-HARPPCHET, Chistoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998. p. 268.

<sup>23</sup> KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso (dez boas razões para...orar, praticar a justiça, cuidar da criação, acolher o outro, compartilhar)*. São Leopoldo. Sinodal. 2008. p.86.

### 3. Estabelecer redes de apoio

Salomão no livro bíblico de Eclesiastes escreveu: “é melhor serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho”<sup>24</sup>, e também, “se alguém quiser prevalecer contra um os dois lhe resistirão; o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade”<sup>25</sup>. A ideia de “rede” sempre passa por esse viés – a união de “fios”, “forças”, para sustentar, segurar, proteger, fortalecer, alguém ou alguma coisa.

Esta é uma forma antiga e bíblica de estabelecer suporte para as pessoas. Valburga Streck destaca: “é fundamental que a comunidade cristã olhe para sua tradição e relembre sua história, em que as comunidades funcionavam como rede de apoio”.<sup>26</sup> As redes de apoio são formas de poder aproximar aqueles que passam por dificuldades semelhantes. De acordo com Howard Clinebell, “uma igreja de quaisquer dimensões, poderá suprir as necessidades poimênicas de muitos de seus membros através de diversos pequenos grupos de compartilhamento”.<sup>27</sup> Streck ressalta que, “uma rede de apoio deve funcionar como um sistema ecológico em que várias partes se juntam para resolver um assunto”.<sup>28</sup>

Para Clinebell, “toda igreja deveria ter grupos de apoio para pessoas que estão passando por algum tipo de crise, sejam elas pertencentes ou não à igreja”.<sup>29</sup> Segundo o mesmo autor, “a vitalidade do convívio grupal depende da liberdade, honestidade e profundidade com que os membros vêm compartilhar suas dúvidas, seus problemas, intuições e fé um do outro”.<sup>30</sup>

Esta rede de apoio pode trabalhar em duas direções:

Primeira, promovendo a aproximação de famílias que passam por situações parecidas. Isto pode ser feito através de reuniões informais para as famílias trocarem ideias, sugestões e se animarem mutuamente. A igreja pode fomentar este tipo de encontro, propiciando o espaço, buscando aproximar as famílias. Um líder da Igreja pode ser o

<sup>24</sup> BÍBLIA DO OBREIRO. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007, Ec. 4.9.

<sup>25</sup> BÍBLIA DO OBREIRO, 2007. Ec 4.12.

<sup>26</sup> STRECK, Valburga S. *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral: Uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 349, (Teses e Dissertações).

<sup>27</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, 4 ed. 2007.

<sup>28</sup> STRECK, 1999.p. 349.

<sup>29</sup> CLINEBELL, 2007.p. 340, 402.

<sup>30</sup> CLINEBELL, 2007.p. 344



responsável por isto, mas não há necessidade de ser exclusivamente o Pastor (ou dirigente da Igreja), pode ser outra pessoa capacitada e que tenha um bom envolvimento e interesse neste tipo de ministério, e possa facilitar para que as reuniões sejam produtivas e edificantes. De acordo com Streck, “a comunidade eclesial pode funcionar como tal rede de apoio que ajuda as famílias onde os serviços públicos são ineficientes”.<sup>31</sup> Por meio desta interação das famílias pode-se experimentar a solidariedade, o amor, a fé, a esperança. As pessoas podem se auxiliarem mutuamente e crescerem tanto verticalmente (em relação a Deus), como horizontalmente (em relação ao próximo).

Segunda, através de voluntários que se disponham a auxiliar de maneira prática as famílias em suas carências. Esta rede de apoio pode pensar na possibilidade de auxiliar de maneira prática as famílias que tenham filhos com deficiência. Por exemplo, sabe-se que casais que têm um filho com deficiência às vezes tem dificuldade para ter um tempo juntos sozinhos. Seria uma forma muito saudável, pessoas se disporem (de vez em quando) para cuidar da pessoa com deficiência por um período de tempo, liberando o casal para ter um tempo juntos. Isto é só um tipo de sugestão, o interessante é conversar com as famílias e verificar efetivamente aquilo que poderia auxiliar no cotidiano da família.

#### 4. Trazer informação para toda a comunidade

A Igreja pode promover diversas atividades para trazer informações sobre estes temas e assuntos que normalmente não são abordadas no contexto eclesial. Pode-se aproveitar o espaço físico da igreja para promover palestras, cursos, seminários, estudos, etc... Pessoas da própria comunidade que tenham mais informação sobre o assunto, ou pessoas convidadas e preparadas podem ser muito úteis para ajudar no esclarecimento e ampliação da visão para a Igreja destas questões. O próprio líder da Igreja pode ser alguém atento e atuante para perceber estes problemas e fomentar no seio da Igreja um olhar diferente e coerente sobre estes temas, pois continuamente se deparará com eles.

---

<sup>31</sup> STRECK,1999. p. 349.

## 5. A questão da acessibilidade

Um dos sérios problemas que ainda existem no Brasil é o acesso para pessoas com deficiência. O problema é antigo, apesar das boas iniciativas que existem, e que tem melhorado muito as cidades e os acessos de maneira geral. Todavia, há muita coisa ainda a ser feita. As Igrejas podem trabalhar para facilitar o máximo possível o acesso destas pessoas aos templos. Este acesso passa pela estrutura física da Igreja, assim como pela recepção e aceitação das pessoas da comunidade. Percebe-se certa “falha” neste aspecto nas comunidades. Para se constatar isto é só verificar semanalmente a pouca assistência de pessoas com deficiência nos cultos. Onde estão estas pessoas nos domingos? Quais os motivos que os levam a não vir à igreja? Certamente há diversos fatores, mas alguns passam pela questão da acessibilidade (física e de aceitação), e outro tão danoso (ou pior), que são as igrejas que os rejeitam, colocando neles rótulos de possessões demoníacas, ou falta de fé.

Quando há iniciativas de trabalhos com pessoas com deficiência, eles “aparecem”. Constata-se isto, por exemplo, em trabalhos com pessoas surdas-mudas. Quando uma igreja inicia um trabalho com eles, logo, muitos outros estão chegando. Eles mesmos se comunicam e divulgam a informação. Neste aspecto a Igreja pode ser muito mais “inclusiva”. Os cultos – de maneira geral – não são pensados e focados em pessoas assim. Logo, de certa forma, os cultos, neste sentido, acabam sendo “excludentes”. Duas boas iniciativas poderiam ser: 1. Preparar pessoas para receberem e trabalharem com pessoas com deficiência na Igreja, lhes dando toda orientação e atenção que necessitam; 2. Pensar em trabalhos específicos e direcionados para essas pessoas, fazendo as adaptações necessárias para que eles possam de maneira efetiva ter as condições de assimilarem (conforme sua capacidade) o conteúdo transmitido.

### **Considerações Finais**

Depois destas poucas reflexões, percebe-se que a luta contra o preconceito nesta área ainda é muito grande. A Igreja tem um papel fundamental para ajudar nesta “batalha” contra a falta de informação e, principalmente conscientizar as pessoas para uma postura de acolhimento das pessoas com alguma deficiência e suas famílias. A guerra contra o preconceito, não somente nesta área, passa por uma visão correta, especialmente por

aqueles que estão numa posição de liderança na Igreja, pois estes de certa forma tem uma influência maior no meio da comunidade eclesial.

Há também uma urgência de trabalhos mais consistentes em prol de famílias com filhos com deficiência (como a abordada, autismo), e uma ampliação da visão da Igreja (especificamente) com relação ao ministério com famílias que têm filhos com alguma deficiência. Como foi mencionado neste artigo, há boas iniciativas e muitos bons trabalhos sendo feitos nesta área. Entretanto, certamente há muito ainda para se fazer com relação a esta questão, a necessidade é muito grande na grande maioria das Igrejas. A Igreja Primitiva sempre teve como uma das suas marcas esta visão de acolher e cuidar das pessoas que sofrem. Jesus sempre teve seu olhar e ministério direcionado para estas pessoas. As Escrituras nos relembram constantemente a importância de estar ao lado dos que sofrem, choram e precisam de amparo. Consequentemente está intrínseco à Igreja todas estas coisas, contudo, sabemos pela própria história que, muitas vezes, ela (a Igreja) não tem correspondido como deveria. E isto, não deve desmotivar a Igreja, ao contrário, pode motivá-la a buscar meios e mecanismos para viver e agir de maneira mais atuante e relevante em nosso contexto atual – pós-moderno – ampliando a sua visão nestas questões. Há certos aspectos práticos e simples com relação a ajuda à famílias com filho com deficiência – alguns apontados neste artigo –, e, embora sejam fáceis de ser implementados nas Igrejas, ainda são “novidades” em certos contextos.

Talvez o grande problema com relação a esta questão seja um pouco maior, e esteja na raiz, ou seja, a questão da “visão que as igrejas têm”, e isso passa, inevitavelmente, pelo tipo de “Teologia” que as igrejas assumem. A prática acaba revelando a “doutrina” que se assimila. Sendo assim, a reflexão que fica aqui neste ponto é: que tipo de “Teologia” estamos vivenciando como Igreja ou igrejas?

## Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. Rev. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

BATSHAW, Mark L.; PERRET, Yvonne M. *Criança com deficiência: Uma orientação médica*. São Paulo: Maltese, 1990.

BÍBLIA DO OBREIRO. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BUSCAGLIA, Leo. Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BRAKEMEIER, Gottfried. Diagnóstico pré-natal e aconselhamento. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Org.). *Prática cristã: novos rumos*. São Leopoldo: IEPG, Sinodal, 1999.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, 4 ed. 2007.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. Uma igreja de todos para todos. São Paulo: ASTE/Oikoumene, 2003.

JANDREY, Carla Vilma. *O cuidador familiar de pessoa idosa: o desafio de cuidar de quem cuida*. São Leopoldo. EST/PPG, 2009. (Dissertação de Mestrado).

HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). *Comunidade Terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005.

HOCH, Lothar Carlos. "As lágrimas têm sido o meu alimento". Desafios pastorais no trabalho com enlutados. In. HOCH, Lothar Carlos; HEIMMAN, Thomas (Org.). *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso* (dez boas razões para...orar, praticar a justiça, cuidar da criação, acolher o outro, compartilhar). São Leopoldo. Sinodal. 2008.

MALDONADO, Jorge. *Crises e perdas na família – consolando os que sofrem*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2005.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPCHET, Chistoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998.

REGEM, Mina et al. . *Mães e filhos especiais*. Brasília: Corde, 1994.

NOUWEN, Henri J. M. *A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa*. São Paulo: Paulinas, 1997.

ROSSI, Luiz Henrique Solano. A vocação terapêutica da igreja, IN: KOHL, Manfred W. ; BARRO, Carlos B. (Org.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph;STRECK, Valburga Schmiedt. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

STRECK, Valburga S. *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral: Uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Teses e Dissertações).